

COMETA HALLEY

Vai passar...

Elisabeth Orsini

“**V**OCÊS não sabem o que é cometa. Cometa é o Halley, o resto é perfumaria.” (Carlos Drummond de Andrade)

O poeta tinha sete anos quando encontrou o cometa no céu azul de Itabira. Ele lembra como se fosse hoje o fascínio e o pavor que tomou conta de seu corpinho frágil de menino. Afinal, dizia-se que se a cauda se chocasse com a terra o mundo acabaria. Muitos anos se passaram e o cometa da cauda brilhante acabou virando crônica e poema. Impossível não se quedar aos seus encantos — garante o poeta. Quem nunca viu é só conferir. Setenta e seis anos após sua última aparição na Terra o Halley está voltando. Não tão espetacular já que vai passar dez vezes mais longe da Terra do que em 1910. Mas certamente ainda um grande sedutor. Em novembro deste ano já começa a ser visível com modestos telescópios e, a olho nu, em janeiro do ano que vem.

Em São Cristóvão, onde funciona o Museu de Astronomia, 217 pessoas já se inscreveram para ver, no final do ano, a passagem do Halley através de sete possantes lunetas. As inscrições são grátis, o número de vagas ilimitado e os candidatos bastante variados. Há de tudo além dos astrônomos e estudantes de astronomia. Estudantes, psicólogos, sociólogos, babás, secretárias, bancários. O segurança Sebastião Pereira se diz um grande apaixonado “pelas coisas do céu” e até uma freira, Irmã Yolanda, do Colégio Santos Anjos, que vai interromper sua pacata vidinha para apreciar “o planeta de cauda que anunciou o nascimento de Cristo aos pastores do Oriente”.

★

Fantásticos e místicos, os cometas — entre eles o Halley — sempre aterrorizaram a humanidade. A eles eram atribuídas enfermidades terríveis, morte, batalhas sangrentas. Em 1910 muita gente se suicidou já que naquele ano a Terra cruzou a cauda do Halley pela primeira vez na história e muitos acreditavam que seus gases envenenariam o planeta ou que aconteceriam várias calamidades. Em 1835, o astrônomo francês Jacques Babinet afirmava: “Duvido muito que o cometa Halley em seu próximo retorno influencie a opinião pública”. O astrônomo acertou em suas várias previsões, entre elas a data de passagem do cometa, mas não na reação do povo que foi tomado de verdadeiro pânico. O que ele desconhecia — afirma o Coordenador do Museu de Astronomia, Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, responsável pela recepção que será dada ao ilustre visitante — era a imprevisibilidade do povo: “A humanidade gosta do místico, do instável; principalmente em períodos de crise o homem tem necessidade do mito”.

Abb-El-Aziz Pinho França, 89 anos, morador em Ramos, está entre os poucos privilegiados que deverão ver o cometa duas vezes na vida. Ele lembra que não teve medo nenhum mas não esquece sua beleza imensa (“o núcleo era transparente mas mais condensado, enquanto a cauda era totalmente transparente, parecendo um filô fechado”). Junto com a esposa Carlota, de 85 anos, a filha Ita e o genro Adnar, de 73 anos, ele afirma que não vai perder a oportunidade de ver o cometa novamente: “Se Papai do Céu me deixar chegar até lá, vou ver”.

Quando o Cometa Halley brilhou de modo mais intenso no céu do Brasil, no dia 18 de maio de 1910, Helophenes de Sá Cherem era um jovem gráfico que gostava de ir ao teatro, de ver navios no Cais do Porto, dava-se ao luxo de pagar 200 réis para ouvir música na Casa Edson e dançava o maxixe nos bailes. Hoje, com 92 anos, vivendo na Casa São Luís para Velhice, ele recorda que o aparecimento do cometa causou pavor em muita gente, mas não se inclui entre os que esperavam que “o mundo iria se acabar com o choque da Terra contra a cauda do cometa.” Helophenes não se emocionou ao parar para ver, de uma rua do Engenho Novo, o cometa e sua enorme cauda iluminar o céu do Rio.

Mas se o “velho gráfico” não se emocionou, Cláudio Nogueira da Silva, advogado, 29 anos, e sua mulher, a psicóloga Paula, estão empolgadíssimos com a idéia de ver a chegada do cometa. Cláudio tentou inclusive comprar um equipamento nacional mas por causa do preço, 1 milhão e meio, desistiu da idéia: “O importado nem se fala, no Balcão está em torno dos três milhões. Vamos ver é lá do museu.” A astrologia é que não dá muita bola para a chegada do visitante. A astróloga Maria Eugênia até acha que ele pode ter alguma influência na vida das pessoas mas esclarece que não estudou sobre o assunto: “Mas vai ter muita gente inventando histórias para faturar em cima.”

★

O astrônomo Ronaldo Mourão, que está escrevendo um livro sobre cometas onde metade é dedicado ao Halley, tranquiliza as pessoas explicando que não é possível a chegada do cometa causar acidentes: “Sua cauda é muito tênue e nada de especial poderá acontecer, a não ser uma aurora luminosa”. Mas adianta aos que já viram uma vez que o cometa não aparecerá tão espetacularmente como em 1910, já que naquela época passou a 8 milhões de km da Terra e este ano passará a 63 milhões de km no Hemisfério Sul — onde será observado melhor — e a 93 milhões de km no Hemisfério Norte.

Sétimo na ordem dos cometas de caudas mais compridas mede 171 milhões de quilômetros — o mais brilhante entre os 150 cometas que periodicamente aparecem (“a Ciência conhece, atualmente, 1.500 cometas, 400 dos quais descobertos antes da invenção do telescópio”) ele já movimenta muita gente antes de sua aparição. Alguns países, como a Rússia e o Japão, já dispararam sondas para estudá-lo de perto. Nos Estados Unidos a marca Halley já está registrada para dar nomes a mais de 400 produtos, de cosméticos a brinquedos. No Brasil uma firma obteve o registro da marca com validade em quatro países e a Agência Espacial Européia deverá lançar a sonda Giotto ainda no próximo mês. Enquanto isso as empresas de turismo estrangeiras estão organizando excursões para Austrália e Chile, que serão os melhores pontos de observação.

No dia 11 de abril de 1986, período em que o cometa poderá ser visto da melhor maneira no Brasil, o poeta Carlos Drummond de Andrade não sentirá, da janela de seu apartamento de Copacabana, a mesma sensação que sentiu o menino de Itabira:

— O céu já não será límpido como o de antigamente e o homem não terá as mesmas ilusões, os olhos de descobertas do menino de Itabira. Serão olhos de alguém que já viu muita coisa na vida, de alguém que não pode marcar um compromisso para a semana que vem porque pode mudar de domicílio de uma hora para outra.